



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
CFORM/MEC/SEEDF

LETRAMENTO LITERÁRIO: DO ENSINO DE LEITURA À LITERATURA

RENATA RODRIGUES DA ROCHA

Brasília- DF, 05 dezembro de 2015

RENATA RODRIGUES DA ROCHA

LETRAMENTO LITERÁRIO: DO ENSINO DE LEITURA À LITERATURA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Letramentos e práticas interdisciplinares nos Anos Finais (6ª a 9ª série) como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Letramentos e Práticas Interdisciplinares.

Orientadora: Profª. Doutoranda Iêda Maria Vilas Boas Pereira

Professoras Responsáveis CFORM / UnB:

Paola Aragão

Daniele Marcelle Grannier

Márcia Elizabeth Bortone

Brasília- DF, 05 dezembro de 2015

LETRAMENTO LITERÁRIO: DO ENSINO DE LEITURA À LITERATURA

RENATA RODRIGUES DA ROCHA

Projeto aprovado em 05 de dezembro de 2015

Banca examinadora:

1º membro (orientadora): Profª. Doutoranda Iêda Maria Vilas Boas Pereira.

2º membro Interno: Profª Dra. Márcia Elizabeth Bortone.

3º membro Externo: Profª. Doutoranda Danúzia Gabriela Florêncio.

DEDICATÓRIA

Com muito amor e respeito, dedico este trabalho ao meu Criador, Jeová Deus, pois sem Ele, nada seria possível e eu não estaria aqui, desfrutando deste momento tão especial!

“Aqueles que são sábios reluzirão como o brilho do céu, e aqueles que a muitos ensinam, serão como as estrelas, para todo o sempre.” (Daniel 12:3)

AGRADEÇO

A Deus, que me concedeu a vida.

À minha mãe, pelo esforço, dedicação e compreensão, em todos os momentos desta e de outras caminhadas.

Ao meu esposo Suélio pela confiança e credibilidade.

Às professoras e tutoras Neide e Frizete pelo carinho e ajuda que me proporcionaram no decorrer do curso.

À professora e orientadora Iêda Vilas Boas, por sua simpatia, incentivo e presteza em seus auxílios constantes.

A todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para minha formação e para essa pesquisa, dedico este trabalho.

“Que melhor introdução à compreensão das paixões e dos comportamentos humanos do que uma imersão na obra dos grandes escritores que se dedicam a essa tarefa há milênios? E, de imediato: que melhor preparação pode haver para todas as profissões baseadas nas relações humanas? Se entendermos assim a literatura e orientarmos dessa maneira o seu ensino, que ajuda mais preciosa poderia encontrar o futuro estudante de Direito ou de Ciências Políticas, o futuro assistente social ou psicoterapeuta, o historiador ou o sociólogo? Ter como professores Shakespeare e Sófocles, Dostoievski e Proust não é tirar proveito de um ensino excepcional?”

(Tzvetan Todorov)

RESUMO

O estudo da literatura no sexto ano do ensino fundamental mostra que esta prática só se mantém na escola por força da tradição e da inércia escolar, já que a educação literária do modo como vem sendo realizada em muitas escolas é um produto do século passado. Por esse motivo, há necessidade de uma renovação de perspectiva com relação ao estudo da literatura na escola, bem como das metodologias para isso empregadas. Entretanto estratégias encontradas para o ensino-aprendizagem de literatura mostram que professor e aluno precisam estar em harmonia, integrados com determinação para que leitura de textos literários se torne prazerosa e incitante. Este estudo sobre o ensino da literatura para o sexto ano do ensino fundamental parte de três vertentes de pesquisa: a primeira sob o ponto de vista da lei oficial, ou seja, o que os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa do ensino fundamental preconizam para a formação de leitores na escola. Posteriormente, apresenta a segunda vertente teórica que se constituiu em pesquisa bibliográfica, exploratória a fim de conhecer a metodologia utilizada em relação à formação de leitores de textos literários, esclarecendo por meio dos dados bibliográficos as estratégias mais eficazes no ensino de literatura. E a terceira buscou por meio da pesquisa de campo, realizar uma análise sobre a realidade do trabalho com o texto literário no espaço escolar, são apresentados os dados de duas pesquisas realizadas com alunos e professores do sexto ano do Ensino Fundamental, que tem por objetivo saber como concebem e se relacionam com a leitura literária.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura de textos literários, Literatura, Ensino Fundamental.

ABSTRACT

The study of literature in the sixth year of primary education shows that this practice remains in the school only by force of tradition and inertia of the school, as the literary education is a product of the last century having no more reason to exist. However strategies found in the teaching and learning of literature show that teachers and students need to be in harmony, integrated with determination to read literary texts, which becomes pleasant and enticing. Literature teaching to the sixth grade of elementary school has three strands of research: the first from the point of view of official law, i.e. the National Curriculum Parameters of Portuguese Language for elementary school advocates for the formation of readers in school. The second theoretical aspect refers to bibliographic and exploratory research in order to know the methodology used for the training of readers of literary texts, clarifying through bibliographic data the most effective strategies in teaching literature. The third sought through field research, to conduct an analysis of the reality of working with the literary text at school. There are data from two surveys conducted with students and teachers of the sixth grade of elementary school which aims know how they conceive and relate to literary reading.

Keywords: Reading of literary texts. Literature. Elementary. School.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1:Quantitativo de alunos, professores e turmas participantes da pesquisa 38

Quadro 2: O questionário aplicado às professoras 40

SUMÁRIO

I – Introdução:	11
1.1 - Justificativa:	13
II – A metodologia aplicada:	14
2.1 – Pesquisa exploratória:	14
2.2 – Pesquisa descritiva:	14
2.3 – Pesquisa bibliográfica:	15
2.4 – Pesquisa documental:	15
2.5 – Pesquisa na internet:	15
2.6 – Pesquisa de campo:	16
III – A Literatura – Contexto histórico:	17
3.1 – A função da literatura:	18
IV – Língua Portuguesa no Brasil: ensinar para as práticas sociais:	21
4.1 – O ensino do texto literário:.....	23
4.2 – Leitura e Literatura:.....	25
4.3 – O texto literário:	26
V – Letramento literário - Da teoria à prática:	29
5.1 - O comportamento dos professores e alunos no ensino da Literatura:	30
5.2 - Estratégias para o ensino da Literatura no sexto ano do ensino fundamental: 31	
5.2.1 – Sequência básica:	32
5.2.1.1 – Motivação:	32
5.2.1.2 – Introdução:	33
5.2.1.3 – Leitura:	34
5.2.1.4 – Interpretação:	35
5.2.1.5 – Avaliação:	37

VI – Análise dos dados obtidos na pesquisa:	38
6.1 – Refletindo sobre os questionários:	38
VII – Considerações finais:	43
VIII – Referências bibliográficas:	44

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as principais dificuldades encontradas no ensino de literatura no sexto ano do Ensino Fundamental, bem como a conduta pedagógica de professores e alunos. Também buscou investigar modos eficazes para o processo de ensino-aprendizagem dessa disciplina. De acordo com Todorov (2012), “Literatura pode muito”. No entanto, obter conhecimento dessa disciplina nas séries finais do Ensino Fundamental tem como finalidade auxiliar a aprendizagem e, com isso, estimular, cultivar, ajudar os educandos a tomarem gosto pelo assunto, tornando-os leitores letrados e críticos, sabendo compreender por meio de variados tipos de literatura as principais características de um gênero, assim como entender o contexto histórico e literário dos livros e textos.

O capítulo II traz as metodologias abordadas. Por ser de cunho qualitativo, o trabalho utilizou-se de técnicas de pesquisa exploratória, descritiva, bibliográfica, documental e de campo. Toda metodologia foi fundamentada nos pressupostos teóricos de Marconi e Lakatos (2005), Oliveira (2008) e Didio (2014) que tratam da especificidade da metodologia do trabalho científico e dos diversos tipos de pesquisas.

O capítulo III aborda o contexto histórico e a função da literatura, traçando um panorama do surgimento e da evolução desta. Por meio dos estudos realizados por Duarte e Werneck (2009) e Reis (2009), buscou-se mostrar que a Literatura era vista inicialmente como a representação do belo e era, na Grécia antiga, sinônimo de poesia. Foram também os gregos que introduziram a tragédia, o romance e o drama na Literatura.

Desde a Antiguidade Greco-latina, a Literatura adquiriu função educativa e, a partir do surgimento da escola moderna, passou a integrar o currículo escolar entre a Gramática, a Lógica e a Retórica.

A Literatura tem diversas funções, dentre elas a de proporcionar prazer, entretenimento e despertar a reflexão crítica do leitor. A respeito das funções da literatura, destacam-se os estudos de Cândido (1972), Pound (1976), Eco (2001), Cereja (2005). Além disso, são detalhadas as funções clássicas da Literatura, como a catártica, a estética, a cognitiva e a político-social. A partir dessas considerações, lembramos Todorov (2012), que relata: “Como filosofia e as ciências humanas, a

literatura é pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos.”

O capítulo IV apresenta a linguagem utilizada para formulação de textos literários. Com base nas afirmativas de Borges (2000), a palavra é a matéria-prima da Literatura, pois é por meio dela que o autor transmite ao leitor seus sentimentos, sua visão de mundo. A palavra é também definida como reflexo do pensamento e da linguagem.

Em relação à leitura, o capítulo apresenta a importância desta para o desenvolvimento do pensamento crítico e da ampliação da visão de mundo do leitor.

Fundamentando-nos nos estudos de Leffa (1996), Kleiman (1997), entre outros, e nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, vemos que a escola precisa ter, cada vez mais, maior preocupação com a formação de leitores, mas leitores competentes, que compreendam o que lêem e saibam identificar todos os pressupostos implícitos trazidos pela leitura.

O texto literário possui uma linguagem simbólica. Por conseguinte, foram destacadas as diferenças entre o texto literário e os demais textos escritos, ressaltando-se aspectos desse simbolismo, como a conotação, a metáfora e a alegoria. Weltek e Warren (2003), Proença Filho (1990), Costa (2007), entre outros autores, tratam da especificidade do texto literário, frisando sua essência conotativa e mostrando, assim, que este é um tipo de texto que jamais será meramente referencial, por ter um lado expressivo que demonstra o tom e a postura do escritor.

O capítulo V trata do letramento literário e de sua prática. Este é o capítulo fundamental desta pesquisa, pois, a partir dos estudos feitos por Soares (1998) e Macedo (2005), aborda o tema do letramento literário. Mostra que o literariamente letrado é o indivíduo que cultiva a leitura literária de forma ampla e não apenas funcional.

Apoiado pela pesquisa de campo, o capítulo apresenta um panorama da situação do ensino de Literatura em sala de aula, destacando o comportamento de professores e de alunos e apontando soluções para uma possível melhoria e valorização do ensino de Literatura na escola.

Por meio dos estudos e pesquisas de Cosson (2006) e Costa (2007), foram traçadas estratégias de ensino, fundamentadas em uma sequência básica de cinco elementos: motivação, introdução, leitura, interpretação e avaliação, todos apresentados de forma detalhada.

O capítulo VI traz os resultados da análise dos dados, expondo a relação dos estudantes com a leitura literária, assim como as opiniões das professoras envolvidas nesse processo. Os dados obtidos junto aos alunos e professoras do sexto ano do Ensino Fundamental são o resultado de duas pesquisas que foram realizadas tendo em vista a relação entre os jovens estudantes e a leitura literária, como também a concepção das professoras quanto ao ensino de literatura / leitura.

1.1 Justificativa

A presente pesquisa, que tem como foco o ensino da Literatura para o sexto ano do Ensino Fundamental, vem mostrar de forma concisa e objetiva a importância da leitura de textos literários, a atual situação da disciplina e como esta deveria ser trabalhada em sala de aula. É analisado também o comportamento de alunos e de professores diante desse assunto.

Cosson (2006) mostra que, hoje, os alunos apresentam grandes dificuldades de leitura e de interpretação de textos, já que as aulas de Língua Portuguesa não estão dando a devida importância à leitura, privilegiando apenas a gramática e, assim, fazendo com que os alunos encontrem dificuldades na área da leitura.

Esta pesquisa busca analisar, também, a importância dada à Literatura nas aulas de Língua Portuguesa, como ela é percebida nesse processo do ensino de leitura, se a forma como tem sido ensinada contribui ou não para eliminar a resistência e a dificuldade dos alunos com a linguagem literária. Estuda-se, ainda, quais são os pressupostos teóricos a respeito do ensino de Literatura nas diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa do Ensino fundamental.

Segundo Antunes (2003), o trabalho com a leitura ainda está centrado em habilidades mecânicas de decodificação da escrita, muitas vezes sem a análise e debates sobre o texto. Quando a leitura é utilizada, serve apenas como base para atividades metalinguísticas ou finalidades meramente avaliativas.

A leitura deve ser trabalhada de acordo com a faixa etária dos alunos, estabelecendo objetivos diferentes para cada tipo de texto, pois diversas são as maneiras de ler, assim como diversos são os textos e os objetivos de leitura.

De acordo com Todorov (2012, p. 92),

“o objeto da Literatura é a própria condição humana, aquele que a lê e a compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor do ser humano.”

CAPÍTULO II: A METODOLOGIA APLICADA

Ao longo da elaboração deste trabalho de cunho qualitativo, foram utilizadas diferentes técnicas de pesquisa, dentre elas a exploratória, a descritiva, a bibliográfica, a documental, a pesquisa na internet e a pesquisa de campo.

Segundo Marconi e Lakatos (2005, p.157), a pesquisa

“é um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”.

A pesquisa qualitativa é um processo de reflexão e análise por meio da utilização de técnicas para a compreensão detalhada do objeto de estudo. Oliveira (2008, p. 60) caracteriza a pesquisa qualitativa como sendo “um estudo detalhado de um determinado fato, objeto, grupo de pessoas ou ato social e fenômeno da realidade”.

As técnicas utilizadas em pesquisas são meios específicos que possibilitam a aplicação de métodos. Ainda segundo Oliveira (2008), a técnica inclui a adaptação de instrumentos, regras e procedimentos que facilitam o processo ensino–aprendizagem e a construção do conhecimento.

2.1 Pesquisa exploratória

Oliveira (2008) afirma que a pesquisa exploratória tem como objetivo explicar, de maneira geral, um determinado fato, por meio da delimitação de estudo, levantamento bibliográfico e análise de documentos.

2.2 Pesquisa descritiva

A pesquisa descritiva busca a análise de fatos e/ou fenômenos por meio de uma descrição detalhada da maneira como esses fatos ou fenômenos se apresentam. Em outras palavras, é uma análise profunda acerca da realidade pesquisada. Para Oliveira (2008), a pesquisa descritiva é abrangente e permite uma análise do problema pesquisado em relação aos aspectos sociais, econômicos,

políticos, entre outros. Além disso, é, também, utilizada para a compreensão de diferentes comportamentos, transformações, fatores e elementos que influenciam determinado fenômeno.

Uma pesquisa descritiva exige que o planejamento quanto à definição de métodos e técnicas para a coleta e análise de dados seja rigoroso. Nesse tipo de pesquisa, é recomendado que sejam utilizadas informações de estudos exploratórios.

2.3 Pesquisa bibliográfica

Segundo Oliveira (2008, p. 69),

“a pesquisa bibliográfica é uma modalidade de estudo e análise de documentos de domínio científico tais como livros, enciclopédias, periódicos, ensaios críticos, dicionários e artigos científicos.”

Para Marconi e Lakatos (2005), o objetivo da pesquisa bibliográfica é colocar o pesquisador em contato direto com determinado assunto por meio de toda obra que já foi escrita, falada ou filmada, incluindo conferências e debates que tenham sido publicadas ou gravadas.

2.4 Pesquisa documental

Por ser semelhante à pesquisa bibliográfica, a documental se caracteriza por buscar informações em documentos não considerados científicos, como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outros.

2.5 Pesquisa na Internet

A internet, hoje, é uma ferramenta indispensável de pesquisa para obtenção de informações, de maneira rápida, sobre os mais variados assuntos. Além disso, ela facilita o acesso a periódicos científicos, bibliotecas virtuais, universidades, institutos de pesquisa ou qualquer instituição que trate do assunto pesquisado. Oliveira (2008) sugere que sejam pesquisados sítios considerados seguros como

MEC, Capes, CNPq, INEP, Embrapa, entre outros órgãos da administração pública e privada.

2.6 Pesquisa de campo

A pesquisa de campo compreende a observação de fatos e fenômenos que ocorrem na vida cotidiana, a coleta de dados referentes aos mesmos e, finalmente, a análise e interpretação desses dados, com base numa fundamentação teórica consistente, levando a entender e explicar o problema pesquisado. Didio (2014, p. 22), afirma que a pesquisa de campo “visa ao estudo e à investigação de um problema relativo a determinado segmento social”. Nesse sentido, pode-se dizer que a pesquisa de campo focaliza determinado local para colher dados da realidade.

A escola selecionada para a realização deste trabalho foi o Centro de Ensino Fundamental Telebrasília, também conhecido como CETELB, localizada na QN 1 – praça central – lotes 01/02, Riacho Fundo I. O colégio tem sete turmas de sexto ano no período matutino como veremos mais adiante no capítulo V da pesquisa.

CAPÍTULO III: A LITERATURA – CONTEXTO HISTÓRICO

A arte literária sempre ocupou lugar de destaque em todas as sociedades. Para Aristóteles, a arte literária recria o mundo.

Durante muito tempo, a arte que inclui a arte literária, foi entendida como a representação do belo, que estava condicionado ao conceito de harmonia e proporção entre as formas. Por esse motivo, o ideal de beleza entre os gregos ganha forma na representação dos homens, vistos como modelo de perfeição. Por esse motivo, a tragédia grega aborda a luta do homem contra o destino como a tragédia shakespereana, o drama de capa e espada de Alexandre Dumas, o romance do século XIX.

Além disso, na Grécia antiga, Literatura era sinônimo de poesia. Para eles, a origem desta estava nos mitos, de onde herdou seu caráter pedagógico. Com o passar do tempo, desenvolveram-se novos gêneros a partir da Literatura grega.

Desde os gregos, mas especialmente no século XIX, a Literatura passou a ser vista como uma forma educativa, deixando, mais tarde, de ter um caráter comunitário para se tornar algo íntimo, pessoal. O Romantismo adotou os sentimentos e a imaginação como princípios de criação artística. O belo desvinculou-se da harmonia das formas (REIS, 1999), vinculando-se ao gosto individual.

A partir do surgimento da escola moderna, a aprendizagem deixa de ser facultativa, passando a ser obrigatória. Professores e alunos passam a ocupar lugares distintos com a hierarquização do ensino em diferentes graus e níveis. É neste momento que também surgem as avaliações contínuas, que habilitam à passagem de um estágio a outro do conhecimento. (DUARTE e WERNECK, 2009).

A Literatura, em um primeiro momento, fez parte do currículo escolar dissolvida entre a Gramática, a Lógica e a Retórica. Depois, passou a privilegiar o ensino da cultura clássica e a servir de modelo de estudo para a língua grega e a latina. Segundo Zilberman (1990), a Literatura foi institucionalizada e, com isso, perdeu seu caráter intelectual e ético, passando a ser abordada por um viés lingüístico e vernáculo.

Do século XX em diante, diferentes formas de conceber o significado e o modo de fazer Literatura impuseram novas reflexões ao campo da arte. Desde então, ela deixou de ser apenas a representação do belo e passou a expressar,

também, o movimento, a interpretação, chegando a enfrentar o desafio de representar o inconsciente humano. Logo, a literatura pode ser entendida entre outros aspectos como permanente recriação da linguagem e do mundo.

3.1 A função da literatura

Nem todos os povos e culturas chegaram a ter domínio da escrita. Apesar disso, praticamente todos eles tiveram algum tipo de manifestação literária. “Literatura é linguagem, é a arte da palavra”. (CEREJA *et al*, 2005, p. 16).

A palavra serve para comunicar e para possibilitar a interação dos seres, e, também, para criar literatura, isto é, criar arte, provocar emoções, produzir efeitos estéticos. Logo, estudar literatura implica, além de apropriar-se de seus conceitos básicos, ter clareza intelectual para compreender sua linguagem plurissignificativa.

Sendo a Literatura a arte da palavra, a unidade básica da língua, pode-se dizer que a Literatura, assim como a língua que ela utiliza, é instrumento de comunicação e interação social. E, dessa forma, cumpre também o papel social de ser expressão da cultura de uma comunidade.

Como transcrição da realidade, a Literatura não precisa necessariamente estar ligada a ela, um exemplo disso é o realismo fantástico. Tanto o escritor quanto o leitor fazem uso da imaginação e da criatividade: o artista recria livremente a realidade, assim como o leitor recria o texto literário que lê.

Modernamente, os escritores e os críticos literários têm insistido bastante no conceito de “obra aberta”, a exemplo de Umberto Eco (2001), isto é, nas várias possibilidades de leitura que um texto literário pode oferecer. O leitor, ao invés de ser considerado alguém que tem uma postura passiva, que simplesmente recebe o texto, é visto como participante, porque também usa a imaginação para ler o texto e, dessa forma, recria-o. (CEREJA, 2005).

De acordo com Culler (1999, p. 37):

A obra literária é um evento linguístico que projeta um mundo ficcional que inclui falante, atores, acontecimentos e um público implícito. [...] As obras literárias se referem a indivíduos imaginários, mas a ficcionalidade não se limita a personagens e acontecimentos.

Segundo Eco (2001),

a leitura das obras literárias obriga a um exercício de fidelidade e de respeito dentro da liberdade de interpretação [...] porque

propõe um discurso com muitos planos de leitura, defrontando-nos com a ambiguidade da linguagem e da vida.

Uma das mais importantes funções do texto literário é proporcionar prazer, entretenimento e provocar a reflexão crítica ao leitor. Entre outras coisas, é a expressão das emoções e reflexões do ser humano diante do mundo. É, portanto, expressão do amor, do prazer, da amizade e da solidariedade; mas, também, da dor, da miséria, da violência, da solidão. Assim, a Literatura ganha uma importante função: a conscientização social e política do leitor.

Todorov (2012, p. 76) revela que:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver.

A Literatura não tem o poder de modificar a realidade, mas, certamente, é capaz de fazer com que as pessoas reavaliem a própria vida e mudem de comportamento. É, pois, um veículo para a ampliação da consciência. Se esse efeito é alcançado, o texto literário desempenha um importante papel transformador, ainda que de modo indireto.

A palavra “função” aqui se refere ao papel que a Literatura desempenha nas sociedades; um papel que se configurou, em grande parte, a partir daquilo que o público leitor reconheceu como valor nessa arte ao longo da história da leitura. Foram os leitores, portanto, que atribuíram um papel à produção literária e que a mantêm viva até hoje.

Parece-me bastante possível sustentar que as funções da literatura como força geratriz de prêmio consistem precisamente em incitar a humanidade a continuar a viver; em aliviar as tensões da mente, em nutri-la. (POUND, 1976, p.32)

Nesse sentido, a literatura oferece um descanso dos problemas cotidianos, quando descortina o espaço do sonho e da fantasia.

Para os gregos, a arte tinha também outras duas funções: a hedonística e a catártica (CEREJA *et al*, 2005). De acordo com a concepção hedônica (*hedon* = prazer), a arte deveria provocar prazer, retratando o belo. E, para eles, o belo na arte consistia na semelhança entre a obra de arte e a verdade ou natureza.

A concepção catártica advém do papel que as tragédias desempenhavam no mundo grego. Aristóteles – o primeiro teórico a conceituar a tragédia – define-a a partir de dois conceitos: a mimese, ou imitação da palavra e do gesto, que, para ser eficaz, deve despertar no público os sentimentos de terror e de piedade; e a catarse, efeito moral e purificador que proporciona o alívio desses sentimentos. Com finais que normalmente culminam em envenenamentos, assassinatos e suicídios, as tragédias aliviavam as tensões e conflitos do mundo grego (REIS, 1999).

Atualmente o conceito catarse está associado aos estudos do valor ético da arte, relacionando com o conceito de sublimação como compreendido pela psicanálise de Freud. (MOISÉS, 2000, P. 30).

A arte literária ainda cumpre o papel de proporcionar prazer e aliviar as tensões da alma humana, ou de provocar um estranhamento em face da realidade, como se desautomatizasse o ser humano e este passasse a ver o mundo com outros olhos.

A partir das concepções de Antônio Cândido (1972), a Literatura tem basicamente três funções: a psicológica (que está relacionada com uma característica própria do ser humano, se baseia numa espécie de necessidade universal de ficção e de fantasia), a formativa da personalidade (confere a literatura um caráter formativo, distinto da pedagogia oficial, educativo, atuando diretamente na formação do ser humano. Assim, sua função educativa é muito mais complexa do que pressupõe um ponto de vista rigorosamente pedagógico), e a função formativa de mundo e do ser (o leitor participa de uma representação em que procura conhecer seu mundo. Foca na interação com a obra literária, assim o leitor pode adquirir novos conhecimentos).

Assim, pode-se dizer que a Literatura faz sonhar, provoca reflexão, diverte, ajuda a construir identidades, ensina a viver e denuncia a realidade.

CAPÍTULO IV: LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL: ENSINAR PARA AS PRÁTICAS SOCIAIS.

Linguagem é um conceito amplo que engloba a sistematização de infinitos recursos comunicativos. A língua, por sua vez subordina-se aos imperativos culturais, históricos e geográficos que caracterizam os povos e as nações. Por conseguinte, além dos aspectos formais, os elementos cognitivos e sociais também estão presentes na língua.

No Brasil, segundo Magda Soares (2004) os alunos brasileiros eram apenas alfabetizados até o início do século XIX. A isso se restringia o ensino de língua materna. Após essa etapa, aprendiam a gramática da Língua Latina. Até o século XX o ensino de Língua Portuguesa voltou-se para o ensino da gramática, caracterizando-se pelo uso de uma metalinguagem, uma vez que os aspectos comunicativos da língua culta já eram acessíveis aos alunos das camadas privilegiadas as quais essas aulas se dirigiam.

Com a democratização do ensino, já nos anos sessenta do século XX, houve necessidade de repensar o ensino da língua portuguesa, uma vez que o perfil do aluno mudou e as classes populares passaram a ter maior acesso à escolarização.

Em razão de nossa tradição histórica, o ensino da língua portuguesa ainda está vinculado às questões puramente metalinguísticas, muitas vezes desvinculando-se da realidade dos alunos e das práticas sociais. Em “Muito além da gramática” (2007), Irandé Antunes aborda os vários equívocos que decorrem dessa concepção e sua influência para um ensino descontextualizado e em descompasso com as exigências da atualidade.

A escolarização, no caso da sociedade brasileira, não leva à formação de leitores e produtores de textos proficientes e eficazes e, às vezes, chega mesmo a impedi-la. Ler continua sendo coisa das elites, no início de um novo milênio. (ROJO, 2004, p.1)¹

4.1 O ensino do texto literário

O texto literário é plurissignificante, assim como possui uma historicidade, o que não deve ser confundido com historiografia. A abordagem exclusivamente

¹ ROJO, Roxane. Letramento e capacidades de leitura para a cidadania. São Paulo: SEE: CENP, 2004. Texto apresentado em Congresso realizado em maio de 2004.

historiográfica do texto literário prende o professor a uma cronologia rígida de autores e obras, sobrecarregando o aluno com uma programação muitas vezes desnecessária. Na “Introdução à Literatura no Brasil” (2005), Afrânio Coutinho menciona a importância de distinguir historiografia literária e periodização estilística.

Por meio de leituras intertextuais, o professor pode selecionar autores e obras cujas afinidades temáticas representassem, também, momentos de integração de diferentes estilos artísticos.

Na obra “Ensino de Literatura: uma proposta dialógica para o ensino da literatura” (2005), William Cereja menciona ser possível abordar a literatura por meio de diferentes metodologias e com bons resultados, seja a perspectiva historiográfica, por temas ou por gêneros.

Pesquisar este livro e mencionar que a perspectiva historiográfica é hoje polêmica e até criticada, mas que, apesar disso, pode-se conectar essa perspectiva com outras, desde que o professor não pretenda esgotar todos os autores de um período literário – o que é improdutivo.

4.2 Leitura e Literatura

O texto literário é atemporal, pois rompe as barreiras do tempo, época e efetiva-se na proporção em que possibilita novas e contínuas leituras. Castro (1982, p. 62), descreve: “É a partir da situação existencial que melhor podemos entender a especificidade do fenômeno cultural literário, pois este implica o homem, a verdade e a história.”

Segundo Borges (2000), a palavra só existe, enquanto ideia, quando entra em contato direto com a interpretação do leitor a respeito dela. Se a palavra tem o poder de expressar tantos aspectos do ser humano, é fácil concluir que, já que nenhum homem pensa, sente ou age semelhantemente a outro; a palavra possui um significado diverso e específico para cada falante.

Por conseguinte, as aulas de literatura precisam tomar o texto como objeto central, colocando a leitura desse texto em primeiro plano. Evidentemente, outros textos poderão ser empregados, além dos textos literários.

A leitura de um texto consiste no poder de percepção do leitor em relação a um todo repleto de significados de uma palavra ou de várias que uma obra literária

contém. Cada palavra assume um novo significado, uma nova perspectiva, um novo formato dentro de um texto de acordo com cada um que a lê.

Para Roland Barthes (1978), a literatura significa uma libertação das imposições da língua, uma vez que ela cria suas próprias leis.

Do latim *textum*, a palavra texto traz o sentido de totalidade, conjunto tecido. Este, juntando-se a outros, forma um livro, um espaço sem fim para liberação de pensamentos e sentimentos capazes de transformar a vida. E este poder só será revelado, contudo, àquele que o abrir e conseguir captar suas ideias, reconstruindo o significado de cada palavra para refletir e repensar todo o significado de sua existência a partir de tudo o que as palavras têm a lhe oferecer.

Borges (2000) afirma que cada palavra existe por si só, é única, nunca podendo ser substituída por outra. Mesmo havendo a sinonímia, cada palavra tem a sua energia, seu valor semântico. Cada palavra tem sua magia.

A função das ideias das palavras em Literatura é incomodar o que está estagnado: o pensamento, os sentimentos. Caso o leitor não se sinta tocado, incomodado, significa que a leitura não aconteceu da maneira que deveria, ou que aquilo que foi lido estava vazio. O incômodo que a leitura das palavras causa leva ao amadurecimento; o amadurecimento à mudança; a mudança à superação, a superação à elevação, afirma Braga (2005). O efeito de estranhamento é característico da obra literária e decorre do código característico de cada obra, como afirma Umberto Eco em “A estrutura ausente” (2001).

A leitura, assim, é algo essencial para um bom desenvolvimento individual e social do homem. Ao propor um conceito de leitura, Leffa (1996), a cita como sendo um processo feito de múltiplos processos que podem ocorrer tanto simultânea como sequencialmente; esses processos incluem habilidades de baixo nível, executadas de maneira automática na leitura proficiente, até estratégias de alto nível, executadas de modo consciente. A leitura é, pois, um ato amplo em que o leitor necessita dispor de diversas estratégias para chegar à compreensão do texto.

A leitura não deve estacionar na mera decodificação, uma vez que, como sugere Kleiman (1997), essa concepção dá lugar a leituras dispensáveis. Cada leitor tem estratégias para construir o significado de um texto, conforme afirma Leffa (1996), e, por essa razão, a leitura precisa envolver a interação entre o leitor e o texto para que a produção de sentidos se dê de maneira eficaz.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Portuguesa, do Ensino Fundamental, o trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura - espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modelizadoras. A leitura, por um lado, fornece a matéria-prima para a escrita: o que escrever; por outro, contribui para a constituição de modelos: como escrever.

A leitura representa uma atividade de grande importância para a vida do indivíduo. É por meio dela que se pode interagir com o mundo, realizar múltiplas atividades que contribuam para o autocrescimento e para o desenvolvimento de um pensamento autônomo. De acordo com Queiroz (2009), a leitura possibilita ao homem a inserção e a participação ativa no meio social e, por isso, essa prática deve ser desenvolvida desde cedo, primordialmente, no âmbito escolar.

Delmanto (2009 apud QUEIROZ *et al* 2009) ressalta a necessidade cada vez maior que a escola precisa ter com a formação de leitores, ou seja, cabe à escola direcionar seu trabalho para práticas que envolvam o desenvolvimento não apenas da leitura em si, mas a capacidade de o aluno fazer uso da leitura, bem como da escrita, para ter um bom desempenho na sociedade ao longo da vida. Todavia, esse processo de leitura não deve se limitar ao espaço escolar ou ser somente um meio de obtenção de informações. Mais do que isso, a leitura precisa ser uma prática que todos possam utilizar em sua convivência com o meio social.

O que se observa ainda em muitas escolas é que a leitura se desenvolve com base em modelos tradicionalistas ou concepções errôneas de leitura. A esse respeito, Solé (1996) discorre, afirmando que o problema do ensino de leitura não está apenas na metodologia, mas, também, no conceito que se tem sobre leitura, além da forma de avaliação dos professores, do papel que ocupa no currículo escolar e das propostas metodológicas adotadas para seu ensino.

Antunes (2003), afirma que o trabalho com a leitura ainda está centrado em habilidades mecânicas de decodificação da escrita, muitas vezes sem reflexão, sem diálogo com o texto. Quando a leitura é utilizada, serve de pretexto para atividades metalingüísticas ou finalidades meramente avaliativas.

Formar um leitor competente é formar alguém que compreende o que lê, que saiba ler também o que não está escrito, identificando todos os elementos implícitos. Além disso, é necessário que o leitor consiga estabelecer uma relação entre o texto

que está lendo e outros que já leu; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto e que seja capaz de justificar e validar sua leitura a partir da localização de elementos discursivos.

Diante disso, Queiroz (2009) confirma que a leitura precisa ser vista como um processo de construção de significados, para o qual a escola deve oferecer diversas possibilidades de transformação, com o objetivo de formar leitores críticos e conscientes de sua realidade.

4.3 O texto literário

Segundo Costa (2007), a Literatura é a arte da palavra e, como tal, tem na linguagem verbal sua matéria-prima. Segundo Antônio Cândido, a arte literária é uma transposição da realidade para o imaginário por meio da elaboração de linguagem. O conhecimento da plurissignificação da linguagem é, assim, indispensável para a fruição do texto literário. Esse conhecimento depende do estudo dos efeitos de sentido. Os efeitos causados no leitor pelos textos literários, como emoções, informações, reflexões e percepções em geral, só podem se tornar acessíveis por meio das palavras, sejam elas escritas ou faladas (poesia popular, contação de histórias ou outras formas orais).

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. (CÂNDIDO, 1995 *apud* COSSON, 2006, p. 15).

O texto literário se diferencia dos demais por ter uma linguagem simbólica, plurissignificante, expressando-se por meio de metáforas e alegorias, que pode ser concretizada de diversas maneiras por seus leitores. A pluralidade de significados construída pelo uso de metáforas é o que fornece à Literatura a sua literariedade. A literariedade é, por conseguinte, a manipulação técnica da linguagem. Para Proença Filho (1990), a linguagem literária, em sua essência, é conotativa. É um processo de criação feito de palavras, no qual o arranjo especial está na maneira singular que cada escritor tem de dar à luz o texto.

[...] a linguagem literária [...] é abundante em ambiguidades; como qualquer outra linguagem histórica, é cheia de

homônimos, categorias arbitrárias ou irracionais, como o gênero gramatical; é permeada de acidentes históricos, lembranças e associações. Em uma palavra, ela é altamente “conotativa”. (WELLEK; WARREN, 2003, p. 15).

A linguagem literária jamais será meramente referencial, pois possui um lado expressivo que comunica o tom e a postura do falante ou do escritor. Ela não apenas formula e expressa o que diz, mas também quer influenciar a postura e o pensamento do leitor a fim de persuadi-lo e, por fim, modificá-lo (WELLEK; WARREN, 2003).

De acordo com Reis (1999, p.169):

Podemos considerar o texto literário, enquanto resultado articulado e coerentemente estruturado da enunciação da linguagem literária, é detentor de características que sinteticamente podem ser descritas deste modo: [...] natureza ficcional, evidencia coerência, é uma entidade pluriestratificada e intertextual, na medida em que é possível relacioná-lo com outros textos que com ele dialogam e nele se projetam.

O texto literário é um conjunto de sugestões e insinuações que o escritor oferece ao seu leitor, daí o caráter textual agradável, instigante, desafiador, provocativo, chocante, emotivo, surpreendente, mordaz, irônico, alienador, libertário e belo (BRAGA, 2005). Por essas razões, o emprego de uma linguagem plurissignificante se faz indispensável para conferir ao texto literário uma qualidade simbólica e o elevar ao nível imaginário, criativo. Além disso, é a natureza simbólica e plurissignificante que confere atemporalidade e dá ao texto uma significação que ultrapassa as barreiras de tempo e espaço.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Portuguesa, do Ensino Fundamental, tratam da especificidade do texto literário e afirmam que:

A literatura não é cópia do real, nem puro exercício de linguagem, tampouco mera fantasia que se asilou dos sentidos do mundo e da história dos homens. Se tomada como uma maneira particular de compor o conhecimento, é necessário reconhecer que sua relação com o real é indireta. Ou seja, o plano da realidade pode ser apropriado e transgredido pelo plano do imaginário enquanto uma instância concretamente formulada pela mediação dos signos verbais (ou mesmo não-verbais conforme algumas manifestações da poesia contemporânea).

O texto literário tem, como veículo predominante, não só a palavra, mas, também, a escrita. A prática de Literatura consiste na exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo algum em qualquer outra atividade humana. Por essa exploração, afirma Cosson (2006), o dizer do mundo (re) construído pela força da palavra, que é a Literatura, revela-se como uma prática fundamental para a construção de um sujeito da escrita. Em outras palavras, é no exercício da escrita e da leitura de textos literários que se constrói uma maneira própria de desenvolvimento da linguagem que, sendo de um, é também de todos. Na escrita e na leitura literária, o homem encontra a essência de si mesmo e da sociedade a qual pertence.

CAPÍTULO V: LETRAMENTO LITERÁRIO – DA TEORIA À PRÁTICA

O termo letramento foi inicialmente utilizado com abordagem antropológica. Só a partir dos anos 1970 é que as práticas socialmente construídas de leitura e escrita passaram a ser pesquisadas. Segundo Macedo (2005), até então o letramento era compreendido como uma codificação e decodificação de símbolos organizados que representam, de forma permanente e precisa, a linguagem oral.

A palavra letramento chegou ao vocabulário da Educação e das Ciências Linguísticas na segunda metade dos anos 1980, conforme afirma Soares (1998). Segundo a autora, o termo letramento é tradução da palavra inglesa *literacy*, originária do latim *littera*, que significa letra, adicionado o sufixo *cy*, indicando qualidade, condição, ou seja, *literacy* é o “estado ou condição daquele que aprende a ler e escrever”. Tal conceito leva a crer que a leitura e a escrita acarretam consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas e linguísticas.

O Brasil só passou despertar para o fenômeno do letramento quando conseguiu perceber que o problema não é só ensinar um aluno a ler e a escrever, mas, sim, proporcionar o uso da leitura e da escrita como forma de envolvimento em práticas sociais. Para Soares (1998), há duas condições para o letramento em uma sociedade. A primeira é que haja escolarização efetiva e real, gerando a alfabetização da população. A segunda é que sejam criadas condições para que o alfabetizado fique imerso em um ambiente letrado, com acesso aos diversos materiais de leitura e escrita.

Para Cosson (2006), o letramento não é apenas a aquisição da habilidade de ler ou escrever, mas, sim, da apropriação da escrita e das práticas sociais a ela relacionadas. Para Soares (1998), letramento é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever; é o estado ou a condição que um grupo social ou um indivíduo adquirem como consequência de ter se apropriado da escrita. Ela afirma, ainda, que o letramento é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita.

O letramento literário tem aspecto especial. Como, Cosson (2006) expõe,

Pela própria condição de existência da escrita literária, [...] o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio. Daí a sua importância na escola, ou melhor, sua importância em qualquer processo de letramento, seja aquele oferecido pela escola, seja aquele que se encontra difuso na sociedade. (COSSON, 2006, p. 12)

Um cidadão literariamente letrado, conforme Paulino (2001), seria aquele que cultivasse a leitura literária de forma ampla, e não apenas funcional, cultivando-a e assumindo-a como parte de sua vida, além de preservar seu caráter estético e resgatar objetivos culturais. Ainda de acordo com a autora, mesmo o letramento funcional não é característica da população brasileira em função de questões políticas e econômicas de exclusão e de falta de acesso a educação de qualidade.

Há vários níveis e diferentes tipos de letramento. Em sociedades essencialmente letradas, mesmo um analfabeto participa, ainda que de maneira precária, de algum processo de letramento. Da mesma forma, um indivíduo pode ter um grau elevado de letramento em uma área, mas ter um conhecimento apenas superficial em outra. Para Cosson (2006), esse grau de letramento vai depender das necessidades pessoais do indivíduo ou do que a sociedade lhe oferece ou demanda.

5.1 O comportamento dos professores e alunos no ensino da Literatura.

Segundo Cosson (2006), para muitos professores, a leitura literária só se mantém na escola por força da tradição e da inércia escolar, já que a educação literária é um produto do século XIX e que hoje, século XXI, já não tem mais razão de ser. O autor afirma ainda que a multiplicidade dos textos, a onipresença das imagens, a variedade das manifestações culturais, entre tantas outras características da sociedade contemporânea, são alguns dos argumentos que levam à recusa de um lugar para a Literatura na escola atual.

A leitura literária em sala de aula tem sido empregada apenas com o objetivo de ensinar. De acordo com Cosson (2006), no Ensino Fundamental, Literatura significa qualquer texto escrito que se aproxime de uma ficção ou poesia. Os textos são escolhidos de acordo com a linguagem e a temática empregada, atendendo aos interesses do aluno, do professor e da escola – ordem obedecida, geralmente, na ordem inversa. Além disso, os professores buscam textos curtos, contemporâneos, divertidos, e não é sem razão que as crônicas são os gêneros mais escolhidos. E o pior que tudo, algumas letras de música – como pretexto para a abordagem dos “temas sociais”.

Como se pode verificar nos próprios livros didáticos, os textos literários ou os considerados como tais, estão cada vez mais restritos às atividades de leitura extraclasse ou a atividades especiais de leitura. Cosson (2006) afirma, ainda, que, no lugar dos textos literários, são introduzidas as leituras de jornais ou outros registros escritos sob o argumento de que o texto literário não seria adequado como material de leitura ou modelo de escrita escolar, pois este já não serve como parâmetro nem para a língua padrão, nem para a formação do leitor, conforme parecer de certos linguistas.

A metodologia mais utilizada em sala para as aulas de Literatura é ensiná-la por meio de listas de autores, obras e datas. Esse é o caminho mais eficaz para fazer com que o aluno considere a Literatura uma disciplina de pouca ou nenhuma importância em seu currículo estudantil. Para Delmanto (2009), a escola deve ter uma preocupação cada vez maior com a formação de leitores, ou seja, o trabalho com a leitura deve estar direcionado para a formação de alunos capazes de fazer uso da leitura para enfrentar os desafios da vida em sociedade. E isso, as listas de autores, obras e datas não podem fazer pelo aluno.

As formas de avaliação fazem com que os alunos se distanciem cada vez mais da Literatura. As tão criticadas fichas de leitura, com questionários a respeito da compreensão de texto, que consistem apenas em reproduzir o texto original, sem nenhum trabalho de reflexão ou atividade questionadora, não servem para avaliar a leitura de Literatura. Segundo Kleiman (1997), a leitura não estaciona na mera decodificação, tendo em vista que essa concepção dá lugar a leituras dispensáveis, pois não modifica a visão do aluno em nada.

5.2 Estratégias para o ensino da Literatura no sexto ano do Ensino Fundamental

Quando o professor determina a leitura de obras literárias a seus alunos, sua primeira atitude é verificar se o aluno de fato leu a obra. Após isso, ele busca ampliar a abordagem da obra para a crítica literária e traçar relações entre o texto, o aluno e a sociedade. Esses dois movimentos estão corretos, porém precisam ser organizados. De acordo com Cosson (2006), é necessário que estes atos estejam organizados de modo que permita ao professor e ao aluno fazer da leitura literária uma prática significativa para eles e para a comunidade na qual estão inseridos;

uma prática que tenha a própria força da Literatura como sustentação. Em suma, uma prática que tenha como princípio e fim o letramento literário.

Professor e aluno precisam estar em sintonia, integrados, com determinação e vontade equivalentes na aprendizagem produtiva com os textos literários. A este respeito, Costa (2007) afirma que este processo envolve diferentes e atuantes sujeitos: o autor, que é o construtor da beleza e das intenções do texto literário; o leitor-aluno, que busca, com base em sua experiência de outras leituras, o sentido de cada nova leitura, e o professor, que atuará como mediador e que, por seu conhecimento, maturidade e metodologia, está apto a proporcionar a seus alunos um ambiente enriquecedor e proveitoso de leitura. Esses sujeitos aliam-se numa associação eficaz de ações de leitura compartilhada.

O ensino de Literatura deve ter como foco a experiência do aluno. Sob esta perspectiva, a leitura literária é tão importante quanto as respostas que são construídas para ela. As práticas de sala de aula precisam contemplar não apenas a mera leitura de obras, mas o processo de letramento literário.

A literatura é uma prática e um discurso, cujo funcionamento deve ser compreendido criticamente pelo aluno. Cabe ao professor fortalecer essa disposição crítica, levando seus alunos a ultrapassar o simples consumo de textos literários". (COSSON, 2006, p. 47).

Ante o exposto, percebe-se a importância da Literatura para a formação do indivíduo, e que se propõe um modelo estratégico de sistematização das atividades voltadas para a o ensino de Literatura no Ensino Fundamental e, mais especificamente, no sexto ano. Esse modelo sistematiza uma sequência básica a título de exemplo para ser utilizado em sala de aula. Tal sequência traz inúmeras possibilidades de combinações com outras técnicas e metodologias, variando de acordo com o interesse, a faixa etária, o texto e o contexto dos leitores.

5.2.1 - Sequência básica

De acordo com experiências e estudos realizados por Cosson (2006), a sequência básica do letramento literário é constituída por quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação.

5.2.1.1 - Motivação

O aluno precisa estar animado, entusiasmado com a leitura literária para iniciar o processo de letramento. Esta jamais deve ser imposta. É importante selecionar várias obras e permitir que os alunos escolham, evitando-se a obrigatoriedade.

Para trabalhar com Literatura, Zilberman (1981 *apud* COSTA, 2007) ressalta que o professor precisa estar apto a escolher obras apropriadas aos seus alunos e a escolher a melhor metodologia, que vise a estimular o interesse pela leitura, promovendo, assim, a percepção das obras lidas e a exposição oral, pelos alunos, do que foi assimilado.

Denominar a motivação como passo número um do letramento literário indica que seu núcleo está exatamente na preparação do aluno para entrar no texto, já que o sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de uma boa motivação. Assim, “as mais bem sucedidas práticas de motivação são aquelas que estabelecem laços estreitos com o texto que se vai ler a seguir” (COSSON, 2006, p. 55).

Várias estratégias podem ser adotadas. A criação de um ambiente agradável, confortável, com alguns motivos lúdicos pode propiciar maior motivação para a leitura. Além disso, a criação de situações para estabelecer um primeiro contato com a obra literária, como a leitura de um poema que possa mais tarde ser relacionado ao texto, a criação de uma caixa do tempo, na qual os alunos depositam bilhetes acerca do que imaginam sobre a obra e só abrem a caixa após o término da leitura do livro, entre outras. A este respeito, Costa (2007) confirma que a criação de um ambiente favorável para a leitura literária irá pouco a pouco construindo, na mente do aluno, a imagem de uma atividade enriquecedora e prazerosa. O importante é despertar o interesse e aguçar a curiosidade do aluno, para que este mergulhe no novo mundo que vai se abrir a sua frente.

5.2.1.2– Introdução

A introdução consiste na apresentação do autor e da obra. Neste passo, são necessários alguns cuidados.

A apresentação do autor não deve ser transformada em uma longa exposição sobre a vida do autor, com detalhes que só interessam a pesquisadores e não para alguém que vai ler um de seus textos. O professor precisa ter em mente que a leitura literária não visa a reconstruir a intenção do autor ao escrever determinada obra, mas, sim, aquilo que está sendo dito ao leitor. A biografia do autor é apenas um dos contextos que acompanham o texto. No ato da introdução de uma obra, é necessário apenas que sejam fornecidas informações básicas sobre o autor e de preferência que estejam mais ligadas àquela obra.

Outra observação importante é com relação à obra. Muitos professores acreditam que pelo fato de uma obra ser interessante, basta trazê-la para sala de aula que ela falará por si. Não é bem assim. Um aluno em processo de formação precisa de direcionamento. Cabe ao professor explanar sobre a obra e sua importância naquele momento, justificando a sua escolha. É importante que, nesta etapa, o professor evite fazer uma síntese do conteúdo do livro, já que esta atitude elimina o prazer da descoberta. O professor pode dar pistas a respeito do que será lido para despertar a curiosidade do aluno.

“[...] a seleção criteriosa dos elementos que são explorados, a ênfase em determinados aspectos dos paratextos e a necessidade de deixar que o aluno faça por si próprio, até como uma possível demanda da leitura, outras incursões na materialidade da obra, são características de uma boa introdução”. (COSSON, 2006, p. 61).

A apresentação física da obra é outro ponto importante. Caso a escola possua o livro em seu acervo na biblioteca, vale levar os alunos para retirá-lo pessoalmente da prateleira; ou, caso o professor possua apenas uma exemplar em mãos, convém permitir que eles o manuseiem. Este é o momento em que o professor deve salientar a importância da leitura da capa, da orelha e de outros elementos pré-textuais existentes. Podem ser feitas apreciações críticas acerca do prefácio, mas nada aprofundado, já que a introdução não pode ser muito longa por se tratar apenas de permitir que o aluno receba a obra de forma positiva.

5.2.1.3– Leitura

É bastante comum o professor solicitar a leitura de uma obra, determinar um tempo para isso e nada mais fazer. O professor precisa acompanhar o processo de

leitura do aluno, acompanhamento este que não deve ser confundido com policiamento. O aluno não deve se sentir vigiado, pressionado a ler o livro. O professor deve acompanhá-lo a fim de auxiliá-lo em suas dificuldades, inclusive com relação ao ritmo de leitura.

Durante o tempo de leitura, o professor pode convidar os alunos a apresentarem seus pontos de vista por meio de conversas com a turma sobre o andamento da história ou de atividades mais elaboradas, como a leitura de textos menores que tenham alguma ligação com livro que estão lendo, para que os alunos façam aproximações e comparações entre a obra que está sendo lida e o texto. Também pode ser feita a leitura conjunta de determinado capítulo, ou mesmo trecho de um capítulo, lembrando que devem ser lidos trechos ou capítulos que sejam comuns a todos os alunos. Desta forma, podem ser trabalhados diversos recursos expressivos contidos na obra, bem como trazer para a aula algum tipo de debate importante acerca do que foi lido.

É em atividades como estas, realizadas no período da leitura de uma obra, que o professor consegue perceber as dificuldades de leitura dos alunos. Esse momento funciona como um diagnóstico do processo de decifração de leitura, no qual o professor identificará e poderá resolver problemas ligados ao vocabulário e à própria estrutura do texto. Ao acompanhar a leitura dos alunos, o professor poderá ajudá-los a resolver questões que vão desde a interação com o texto, fato este importante, pois a falta de interação do aluno com a obra pode levá-lo a abandoná-la, até o ritmo de leitura. Em muitos casos, esse acompanhamento de leitura pelo professor é o início de uma intervenção eficiente na formação do leitor.

5.2.1.4 - Interpretação

No cenário do letramento literário, a interpretação pode ser pensada em dois momentos: um interior e um exterior.

O momento interior é aquele de decifração da obra; é a apreensão global realizada logo após a sua leitura. É o momento que Cosson (2006) chama de “encontro do leitor com a obra”. Esse encontro tem caráter individual e não pode ser substituído por nenhum mecanismo pedagógico, nem compensado por nenhum outro artifício, como assistir ao filme, ler o resumo ou mesmo ver a minissérie na televisão em lugar de ler o livro. Ele pode comparar diferentes linguagens, mas não substituir.

É na interpretação que o texto literário mostra sua força, levando o leitor a se encontrar, ou mesmo se perder em seu labirinto de palavras. Esse labirinto tem muitas entradas, mas a saída precisa ser construída uma vez e sempre pela leitura. Isso não significa que esse momento interno seja impenetrável às influências ou que o leitor tenha que se isolar. Longe disso, este é um processo afetado pelo que se faz antes e durante a leitura. A motivação, a introdução e a leitura são mecanismos de interferência da escola no letramento literário do aluno. Da mesma maneira, a história de vida do aluno, sua vivência familiar e tudo mais que faz parte do contexto da leitura, vão contribuir, favorável ou desfavoravelmente, para esse momento interno. Kleiman (2004) explica que o conhecimento prévio é um dos elementos predominantes no ato de ler, ou seja, é um dos caminhos que levam à compreensão do texto. A autora explica, ainda, que a compreensão de um texto é caracterizada pelo conhecimento prévio do leitor, pois ele utiliza o que já sabe, todo o conhecimento adquirido ao longo da vida.

O momento exterior “é a concretização, a materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade.” (COSSON, 2006, P. 65). É neste ponto que o letramento literário feito na escola se distingue da leitura literária feita fora dela. Na escola, existe a necessidade de se compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos que foram construídos individualmente. Isto se faz importante porque, ao compartilhar suas interpretações, os leitores se conscientizam de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura.

Esse trabalho precisa de uma condução organizada e sem imposições. O professor não pode levar os alunos a supor que existe apenas uma interpretação correta ou que qualquer interpretação pode ser aceita. Os limites da interpretação devem ser buscados na coerência da própria leitura.

As atividades relacionadas à interpretação devem ter como base a externalização da leitura, isto é, seu registro. Isso pode ser feito de diversas maneiras. O professor pode dar ao aluno a opção de escolha das atividades, que podem ser a seleção de uma música que represente os sentimentos de uma determinada personagem ou mesmo de seus sentimentos ao ler a obra, fazer uma resenha, fazer uma dramatização de determinada situação do livro, ou mesmo a criação de um diário, no qual o aluno registre todas as suas impressões acerca da obra. Pode também se feito um trabalho em painéis, nos quais, por meio de pinturas

e colagens, os alunos contem a história do livro. Enfim, há inúmeras possibilidades de se trabalhar o registro das interpretações de um livro.

Independente da forma trabalhada, o importante é que o aluno tenha a oportunidade de refletir sobre a obra lida e externalizar essa reflexão de maneira explícita, permitindo um diálogo entre os leitores da comunidade escolar.

5.2.1.5 - Avaliação

Durante o processo avaliativo é importante que o professor entenda a leitura como uma experiência e não como um conteúdo a ser avaliado. O professor não deve guiar-se pelas respostas certas, mas, sim, pela interpretação a que o aluno chegou, como ele pensou aquilo. O objetivo maior da avaliação é o de engajar o estudante na leitura literária e dividir essa experiência com o professor e com seus colegas. É importante também conduzir o olhar do aluno para as interpretações e entendimentos possíveis, autorizados pelo próprio texto. O texto literário não possui um estrito compromisso com a realidade externa e factual, mas obedece aos princípios da verossimilhança. Em outras palavras deve-se familiarizar o aluno com a coerência interna do texto, princípio de interpretabilidade do texto literário.

Cosson (2006) cita que a leitura do aluno precisa ser discutida, questionada, analisada, devendo apresentar coerência com o texto e com a experiência de leitura da turma. Só assim será possível o aprofundamento nos conhecimentos construídos por aquela obra e o fortalecimento do processo de letramento literário individual e de toda a turma. Desta forma, a avaliação precisa acontecer de maneira natural, ao longo de todo o processo de leitura.

Se a finalidade é criar um espaço onde os alunos leiam com objetivos, é necessário que os professores abandonem os velhos hábitos de avaliação de desempenho do aluno a cada momento, atribuindo pontos a cada atividade realizada. O professor precisa ter em mente que a leitura literária é um processo que vai sendo aprofundado a cada nova leitura e a avaliação deve acompanhar esse processo sem impor constrangimentos ou empecilhos. A avaliação não pode ser um instrumento de imposição da interpretação do professor; antes deve ser um espaço para a negociação de diferentes interpretações.

Todavia, a avaliação precisa pautar-se por critérios claros, considerando os objetivos inicialmente propostos e os progressos obtidos pelos alunos.

CAPÍTULO VI: ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS NA PESQUISA

Este capítulo é dedicado à análise dos dados, que consiste nas respostas obtidas nos questionários, que buscou analisar elementos de uma realidade sob os olhares dos dois principais personagens, os alunos e os professores.

A pesquisa em questão foi realizada com duas professoras de Língua Portuguesa e seus respectivos alunos do sexto ano, do Centro de Ensino Fundamental Telebrasilândia, mais conhecido por CETELB, que fica localizado no Riacho Fundo I, Distrito Federal. Segue o número de alunos, professores e turmas que participaram da pesquisa:

Quadro1: Quantitativo de alunos, professores e turmas que participaram da pesquisa

Quantitativo de alunos	205
Quantitativo de professores	02
Quantitativo de turmas	07

Fonte: Pesquisa

O questionário diagnóstico teve como objetivo analisar os hábitos de leitura dos alunos no ambiente escolar e fora dele, assim como seus gostos, desejos, opiniões, interesses e expectativas. Já o questionário dos professores buscou identificar assim como os alunos seus hábitos de leitura, porém procurou conhecer também as metodologias e práticas pedagógicas utilizadas em sala de aula quando o assunto é leitura literária.

6.1 - Refletindo sobre os questionários

Os dados encontrados nos questionários dos alunos permitem observar que:

- 89,26% dos alunos têm livros em casa; 10,73% disseram que não;
- 45,85% dos alunos relatam ter revistas em casa; 54,14% falaram que não;
- 45,85% dos alunos dizem ter jornal em casa; 54,14% disseram que não;
- 85,36% dos alunos têm internet em casa; apenas 14,63% afirmaram que não;

- 30,07% dos alunos gostam de ler; 6,82% não gostam de ler e 56,09% relatam que gostam parcialmente de realizar leituras;
- 65,36% dos alunos disseram que entendem o que lêem; 7,31% disseram que não e 27,31% relataram que às vezes compreendem e às vezes não;
- 3,41% dos alunos costumam ficar no início da leitura de um livro ou revista; 21,95% disseram que param na metade; 62,92% costumam ir até o final; 9,26% só olham a capa e as figuras e 2,43% não responderam;
- 46,82% dos alunos procuram um livro para ler por iniciativa própria; 7,80% por indicação do professor; 6,82% por indicação de um amigo; 19,02% pelo título ou nome do livro; 11,21% pela capa e figuras; 6,34% quando ganham de presente; 4,87% quando vêm na biblioteca e 2,92% de outra maneira como, por exemplo, através da internet ou quando não há nada para fazer;
- 25,36% dos alunos costumam brincar nas suas horas de folga; 28,29% gostam de assistir a televisão; 7,31% procuram ler; 20,48% trabalham ou ajudam em casa; 18,04% praticam esportes; 15,12% buscam descansar; 11,70% fazem outra coisa, como ir a festas, navegar na internet, entre outras, e 1,46% não quiseram opinar;
- 84,87% dos alunos afirmam que ainda não pegaram livros na biblioteca este ano; 13,65% disseram que sim e 1,46% não responderam;
- 43,90% dos alunos responderam que costumam ter aulas de leitura em outras disciplinas além da Língua Portuguesa; 47,31% disseram que não e 8,78% deixaram a questão em branco;
- 55,60% consideram os textos do livro didático interessantes; 15,12% acham desinteressantes; 21,46% relataram que têm pouca leitura nas aulas de Língua Portuguesa; 35,12% afirmam ter outros textos além daqueles do livro; 45,36% disseram que as aulas que têm leitura poderiam ser mais interessantes e 2,92% deixaram em branco.

Além de perguntas objetivas, o questionário tem questões discursivas que revelam que os alunos têm acesso a muitos gêneros literários e, também, vários modos de atingir essas leituras. As respostas mostram que revistas como *Veja*, *Super Interessante* e *Isto É* estão presentes no cotidiano dos estudantes, comprovando, assim, a falta de incentivo escolar, que privilegia o ensino da

gramática deixando a leitura em segundo plano, o que revela a falta de intimidade dos jovens brasileiros com os textos literários.

Os dados coletados na pesquisa permitem concluir que os alunos do sexto ano do Ensino Fundamental conhecem a importância da leitura, têm interesse, mas na maioria das vezes não têm estímulo, alguns em comentários e sugestões falaram da metodologia e práticas pedagógicas, demonstrando que gostam de aulas interativas, dinâmicas, onde a participação deles é fundamental. Pediram para serem levados à biblioteca, gostariam de ler livros literários e compartilhar com os colegas suas leituras. Reclamaram da pouca leitura que fazem em sala de aula.

Quadro2: O questionário aplicado às professoras mostra que

Nome	Fernanda	Aline
Área de atuação	Língua Portuguesa	Língua Portuguesa
Tempo que leciona	9 anos	1 ano
Escola que atua	CETELB	CETELB
Tempo na atual escola	6 meses	5 meses
Graduação	2006	Letras / Português
Pós-Graduação	-	-
Mestrado	-	-
Doutorado	-	-
1. Quando e porque você começou ter o hábito de ler?	Desde criança. Começou o hábito de leitura na escola.	Aos 10 anos. Começou a ler por curiosidade e pelo desejo de ampliar seus conhecimentos.
2. Você acredita que a maior responsável pelo ensino de leitura é a disciplina Língua Portuguesa?	Sim. Por ela ser a porta de entrada para a leitura.	Não. Um dos papéis da escola é auxiliar o aluno a se tornar um formador de opinião, para isso é necessário um ensino de leitura interdisciplinar que envolva todos os responsáveis pelo processo de forma que não se restrinja apenas ao professor de Português.

3. Você trabalha leitura com seus alunos?	Razoável	Muito
4. Quais metodologias você utiliza nas aulas de leitura?	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Leitura silenciosa; ✓ Leitura compartilhada; ✓ Interpretações de texto utilizando as atividades do livro didático; ✓ Textos avulsos. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Leitura silenciosa; ✓ Leitura compartilhada; ✓ Interpretações de texto utilizando as atividades do livro didático; ✓ Textos avulsos.
Você acha que as metodologias trabalhadas incentivam os alunos ao hábito de leitura?	Não. Pois a maioria dos alunos que gostam de ler já vem com hábito de leitura de casa.	Sim. Apesar de muitos apresentarem desinteresse pela leitura ao serem motivados respondem de forma positiva. Ainda que não tenha conseguido todos os objetivos, as metodologias têm sido as motivações adequadas, conseguindo suprir as necessidades imediatas.
Como você vê seus alunos em relação à leitura?	A maioria não tem o hábito de leitura.	Muitos apresentam dificuldades não só em ler, mas em interpretar o que está lendo. Falta um pouco mais de interesse por parte dos alunos em aprender e criar o hábito de leitura.
Quais metodologias você acredita serem ideais para se trabalhar a leitura em sala de aula?	Analogia entre filme e livro, teatro, releitura, etc.	Leitura de livros literários em grupo e apresentação para a turma. Trabalhar textos que estejam de acordo com o interesse do aluno.
Gostaria de fazer algum comentário?	Infelizmente a falta de leitura é um problema recorrente nas nossas escolas. “Como professora me preocupo com essa realidade, pois apesar de essa geração ser presenteada com diversas informações (livros, internet, etc.) o proveito é bem superficial e apenas, em sua grande maioria com assuntos supérfluos.”	—

Apesar de ter sido um questionário de pouca amplitude, ele nos revela o quão distante estão entre si as opiniões docentes e discentes. Há discordância de opinião até mesmo entre as professoras. Como se pode analisar, os docentes acreditam que o desinteresse, assim como a falta de hábito de leitura em casa, são os grandes responsáveis pelos alunos não gostarem de ler. Em contrapartida, os estudantes revelaram que acham desanimadoras as metodologias e práticas pedagógicas utilizadas, além de afirmarem que as aulas estão muito mais voltadas para o ensino da gramática que de leitura em si.

A questão quatro do questionário tinha como opção leitura de livros literários, porém nenhuma das professoras assinalou essa questão. Mas, quando perguntamos aos alunos que livro você mais gostou de ter lido até hoje, houve, como resposta, *Iracema*, de José de Alencar, e *O vendedor de sonhos*, de Augusto Cury. Afirmaram, ainda, que gostariam que as professoras os levassem à biblioteca para pegar livros, além de poderem discutir e opinar sobre as leituras de livros diversos. Percebe-se, por meio da pesquisa, que os discentes estão abertos a novas e deliciosas leituras porque gostam e reconhecem a sua importância na vida das pessoas. No entanto, não conseguem fazê-la sozinhos, necessitando da intervenção mediadora do professor.

VII - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos por meio da análise do comportamento de professores e alunos diante do ensino de literatura, de acordo com os referenciais teóricos pesquisados, foi que a leitura literária em sala de aula tem sido empregada apenas com o objetivo de ensinar, inclusive outros assuntos que não a própria literatura como se pode constatar nos livros didáticos. Os textos literários ou os considerados como tais estão cada vez mais restritos às atividades de leitura extraclasse ou a atividades especiais de leitura. Diante dessas considerações, pode-se começar a entender, hoje, a falta de familiaridade com o texto literário por parte dos alunos e de muitos professores.

Ao investigar modos eficazes para o ensino-aprendizagem de Literatura no 6º ano do Ensino Fundamental, constatou-se que, para se obter sucesso, é necessário incentivo à leitura, recuperando e trazendo para dentro da escola o prazer de ler e o respeito às leituras anteriores do aluno. Ante o exposto, percebe-se a importância da literatura para a formação do indivíduo. A Literatura, como toda forma de arte, é a expressão do próprio homem, expressão essa que o conduz ao autoconhecimento e, por sua natureza ficcional, à imaginação. Em um mundo tão conturbado como o nosso, a literatura é o espaço da criação, da liberdade de pensar, livrando o ser humano da prisão de pensamentos, da passividade própria de uma sociedade dominadora. Ela desenvolve a criatividade humana e leva a refletir sobre o indivíduo e a sociedade.

A Literatura deve ser trabalhada de forma livre e criativa, aproveitando seu permanente diálogo com outras artes, como a música e o teatro, para favorecer uma crescente aproximação do texto literário com o aluno.

VIII REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: Encontro e interação.** São Paulo: Parábola, 2003.

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho.** São Paulo: Parábola, 2007.

BARTHES, Roland. **Aula.** São Paulo: Cultrix, 1978.

BORGES, Jorge Luís. **Esse ofício do verso.** Trad. José Marcos Macedo. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

BRAGA, Alessandro Eloy. **As ideias das palavras: sobre leitura literária.** Brasília: Fajesu, 2005.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais – 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC / SEF, 1999.

CÂNDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem.** São Paulo: Ciência e cultura, 1972.

CASTRO, Manuel Antônio de. **O Acontecer Poético: A história literária.** 2 ed. Rio de Janeiro: Antares, 1982.

CEREJA, William Roberto. **Ensino de Literatura: Nossa proposta dialógica para o trabalho com literatura.** São Paulo: Atual, 2005.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Literatura Brasileira: em diálogo com outras literaturas e outras linguagens.** 3 ed. São Paulo: Atual, 2005.

CHOMSKY, Noam. **Linguagem e mente.** Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: Teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2006.

COSTA, Marta Morais da. **Metodologia do ensino da literatura infantil.** Curitiba: Ibpex, 2007.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à Literatura no Brasil.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p. 7 a 28.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução.** Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.

DIDIO, Lucie. **Como produzir Monografias, Dissertações, Teses, Livros e outros trabalhos.** São Paulo: Atlas S.A, 2014.

ECO, Umberto. **A estrutura ausente.** São Paulo: Perspectiva, 2001.

ECO, Umberto. "A literatura contra o efêmero". In **Folha de São Paulo**, caderno "Mais". São Paulo: fev. 2001.

KLEIMAN, Ângela B. **Texto & Leitor: Aspectos cognitivos da leitura**. 9 ed. Campinas: Pontes, 2004.

LEFFA, Vilson. **Aspectos da leitura**. Porto Alegre: Sagra - Luzzatto, 1996.

MACEDO, M. S. **Interações nas práticas de letramento – o uso do livro didático e da metodologia de projetos**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva M. **Fundamentos de metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2000.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 2 ed. Rio de Janeiro: vozes, 2008.

POUND, Ezra. **A arte da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1976.

PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária**. São Paulo: Ática, 1990.

REIS, Carlos. **O conhecimento da literatura**. Coimbra: Almedina, 1999.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. *et al.* **A escolarização da leitura literária**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOLÉ, L. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. 4 ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012.

WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários**. Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ENDEREÇOS ELETRÔNICOS

CARVALHO, Marta Lúcia Baião de. **A formação do leitor no CEEBJA professora Maria Deon de Lira**. Disponível em: <<http://diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/139-4.pdf>> Acesso em: 08 dez. 2015

DELMANTO, Dileta. **A leitura em sala de aula. Construir notícias**. Recife, ano 08, n. 45 p. 24 – 26, mar / abr 2009 apud QUEIROZ, Cristina Maria de; OLIVEIRA, Cláudio Henrique. **Leitura em sala de aula: a formação de leitores proficientes**. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/18067/1/leitura-em->

sala-de-aula-a-formao-de-leitores-proficientes/pagina1.html> Acesso em: 10 ago. 2015.

DUARTE, Márcia Nunes; WERNECK, Leonor. **A literatura e o ensino de leitura para o público juvenil.** Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/6/07.htm>> Acesso em: 24 ago. 2015.

Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Fundamental – Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://www.zinder.com.br/legilacao/pcn-fund.html#Portu>> Acesso em: 27 set. 2015.

PAULINO, G. “Letramento literário: Por vielas e alamedas”. In **Revista da FAGED**, nº 5, 2001. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/rfaced/article/viewfile/2842/2018>> Acesso em: 05 out. 2015

QUEIROZ, Cristina Maria de; OLIVEIRA, Cláudio Henrique. **Leitura em sala de aula: a formação de leitores proficientes.** Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artcles/18067/1/leitura-em-sala-de-aula-a-formacao-de-leitores-proficientes/pagina1.html>> Acesso em 10 ago. 2015